# Entre a política e a literatura: uma panorâmica sobre a Revista Oitenta da editora L&PM no período de redemocratização (1979-1984)[1]

Mariana Scalabrin MÜLLER[2]
Cida GOLIN[3]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

## RESUMO

Este artigo discorre sobre a *Revista Oitenta*, periódico quadrimestral da editora L&PM, que circulou entre 1979 e 1984 no Brasil, situando seu surgimento no contexto editorial do Rio Grande do Sul. Nesta contextualização, retoma-se brevemente o período de redemocratização do país, aproximando em certa medida esta experiência da tradição editorial das chamadas revistas de resistência publicadas na década de 1960. Para delinear um perfil da publicação, foram mapeados os 196 textos publicados nos nove números da revista. Autores, temas e gêneros textuais foram quantificados sob a perspectiva da análise de conteúdo. Em um período de publicações marcadas por heterogenias, percebe-se em *Oitenta* um número significativo de autores estrangeiros, a presença de temas ligados à política e à produção literária e a prevalência de ensaios ou artigos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Revista Oitenta*; L&PM; revista; redemocratização; editoras

## Introdução

A política de distensão do presidente Ernesto Geisel, entendida como a gradual liberalização do regime militar, e a transformação do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) em partido com potencial de oposição são alguns dos pontos que fazem com que o ano de 1974 seja um marco na história da ditadura militar no Brasil. (RODEGHERO, 2009). Entre avanços e recuos, sinaliza um período de retomada da luta política – cautelosa, mas insistente – rumo a uma proposta de transição pacífica para o governo civil. Em 24 de agosto daquele ano, Paulo de Almeida Lima e Ivan Pinheiro Machado fundam, em Porto Alegre, a L&PM Editores[4]. A editora é criada para publicar o livro *Rango 1* de Edgar Vasques, cartunista e desenhista. Personagem principal da obra, e que havia surgido

[1] Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Jornalista, mestranda do PPGCOM/UFRGS, bolsista Capes. Email: marianasmuller@gmail.com

[3] Jornalista, Doutora em Letras, Professora dos cursos de Jornalismo e Museologia da FABICO\UFRGS e Professora do PPGCOM da FABICO|UFRGS. Pesquisadora do CNPq, email: cidago@terra.com.br

[4] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?page_id=196. Acesso em julho de 2013.

anteriormente nas páginas do jornal Folha da Manhã (Companhia Caldas Júnior), Rango representava, segundo o site da editora[5], "a miséria e os perseguidos pelo regime militar" e foi a edição mais vendida da Feira do Livro de Porto Alegre de 1974.

Em março de 1979, o general João Batista Figueiredo assume a presidência e o projeto de distensão passa a se chamar "Abertura", criando a expectativa da anistia e da reforma partidária. O ano foi decisivo para a oposição como um todo (ALVES, 1985). Uma rede de alianças entre as chamadas organizações de base, movimentos sociais ligados à Igreja católica e os sindicatos estabeleceu-se, principalmente, no processo de apoio às greves de trabalhadores dos metalúrgicos do ABC e dos professores. Depois de extensas negociações entre oposição e setores militares de linha-dura, a Lei da Anistia foi promulgada em agosto de 1979, em meio a críticas às suas limitações.

Em novembro do mesmo ano, a L&PM publica a primeira edição da *Revista Oitenta*, nosso objeto de estudo neste artigo. Com circulação nacional, *Oitenta* nasceu, segundo Ivan Pinheiro Machado[6], com o desejo de marcar a nova década que iniciava. Ao todo, foram nove volumes que circularam entre 1979 e 1984. Nosso objetivo neste estudo é situar o surgimento da publicação no contexto editorial do Rio Grande do Sul, considerando o período político e cultural que o estado e o país viviam e a tradição de revistas publicadas por editoras.

Este artigo compreende a primeira etapa do estudo de *Oitenta* dentro das ações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa História em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). O primeiro projeto do grupo, criado em 2012 e registrado no CNPq, envolve o estudo de processos comunicacionais no Rio Grande do Sul no período definido como redemocratização, tema que dará origem a uma futura coletânea reunindo o trabalho de onze pesquisadores. O resgate da história da revista fará parte de um dos capítulos da obra.

Além da pesquisa bibliográfica, que situa o período de surgimento e a ação de outras revistas durante o regime militar, mapeamos as nove edições da publicação. A partir de análise de conteúdo, elencamos quantitativamente os temas tratados nos textos, os gêneros e os autores publicados nos cinco anos de circulação. O corpus estudado totalizou 196 textos

[5] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?page_id=196. Acesso em julho de 2013.

[6] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?p=8218. Acesso em julho de 2013.

submetidos à análise de conteúdo. A próxima etapa de estudo, ainda não desenvolvida, compreenderá entrevistas em profundidade com os editores e análise qualitativa do conjunto de dados obtidos.

**O tensionamento político e cultural no regime militar e a luta pela anistia no Rio Grande do Sul**

Os primeiros anos da ditadura militar no Brasil, entre 1964 e a promulgação do AI-5 em 1968, foram marcados por um processo de resistência de instituições desarticuladas pela repressão do Estado (CZAJKA, 2010). Intelectuais, artistas, professores, produtores culturais, entre outros, consagraram a resistência cultural como uma das formas de oposição ao regime, transformando o ato de resistir em um fenômeno político e cultural. Czajka (2010) relembra o ensaio feito por Schwarz em 1978 que traz, entre outras hipóteses, a formação de uma "hegemonia cultural de esquerda" no país. Essa hegemonia poderia ser vista em "santuários da cultura burguesa" como as livrarias no Rio de Janeiro e de São Paulo, com traduções de autores marxistas nas estantes, nas estreias teatrais, na movimentação estudantil e em proclamações do clero avançado. A circulação do pensamento e produção cultural de esquerda realizava-se num círculo restrito, que se retroalimentava, integrado ao próprio sistema artístico e ao mercado de bens culturais em processo de expansão e consolidação. Verifica-se a proeminência do intelectual crítico, que interage no espaço político, mas fala apenas para seus pares e para um público cúmplice deste ideário (PÉCAUT, 1990).

Czajka (2010) pontua também a expansão de um mercado de bens culturais no Brasil. Por isso, é fundamental a estruturação de uma indústria cultural, com uma cadeia de comunicação e informação composta por emissoras de rádio e televisão, revistas, jornais, livros e etc. Em meio à repressão do regime, ocorreu uma intensificação cultural em todos os níveis, a formação de novos públicos consumidores de cultura e a criação de novos periódicos (jornais, revistas e semanários).

Anos depois, o período que compreende os anos de 1974 e 1979 foi marcado pela passagem de alguns setores da elite brasileira à oposição, com táticas para pressionar o Estado (ALVES, 1985). Assim, a oposição que fora desmobilizada, especialmente a partir de 1968, ganhou força, embora permanecesse contraditória e incerta. Uma das formas de organização valeu-se das estruturas associativas e coorporativas como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A censura era uma bandeira comum, conforme exemplifica Alves (1985):

> Os jornalistas e editores não podiam atuar profissionalmente sob a tutela do rígido sistema de censura prévia acrescentado aos controles estabelecidos pela Lei de Imprensa e pela Lei de Segurança Nacional. Igualmente tolhidos estavam os proprietários de jornais e outros veículos de comunicação. A censura tinha desastrosos efeitos sobre as empresas do setor, impondo custos financeiros insuportáveis para a maioria. A imprensa escrita, em particular, perdeu consideráveis investimentos com as periódicas proibições e apreensões de edições inteiras, com as pesadas penalidades por desobediência a medidas de censura ou a vingança do Estado contra empresas que considerava excessivamente independentes. Algumas publicações sucumbiram aos prejuízos financeiros, sendo casos notáveis o Correio da Manhã e Opinião. Estes mesmos dispositivos de censura acarretavam danos profissionais a escritores, artistas, atores, músicos e outros integrantes da elite intelectual (ALVES, 1985, p. 220).

Os embates contra a censura e pelo estabelecimento da anistia pautaram a ação dos intelectuais tensionando o regime político militar. Também no Rio Grande do Sul, a luta pela anistia começou anos antes da tramitação do projeto do presidente João Batista Figueiredo, enviado ao Congresso Nacional em junho de 1979. Rodeghero (2009) lembra que em 1975, ano em que se comemorava o Ano Internacional da Mulher, foi criado em Porto Alegre o Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA), liderado pela socióloga Lícia Peres e pela escritora Mila Cauduro. O movimento integrou os comícios do MDB nas eleições do ano seguinte e, em 1977, atuou em prol da libertação do jornalista Flávio Tavares, preso no Uruguai. O movimento também se esforçou pela libertação de outros presos políticos e trabalhou na articulação de um comitê unitário pela anistia no Estado.

Em 1978, surge o comitê articulado pelo MFPA que passou a ser chamado de núcleo gaúcho do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), organização de âmbito nacional. No ano seguinte, foi criada a AMPLA, Associação de Defesa dos Direitos e Pró-Anistia dos Atingidos por Atos Institucionais, formada por ex-militares.

Como em outras partes do país, a bandeira da anistia também foi carregada por órgãos da imprensa alternativa. Entre 1967 e o início da década de 1980 circularam no Rio Grande do Sul, de acordo com Aline Strelow (2005), 18 publicações que podem ser classificadas dessa forma. Elas se caracterizaram, basicamente, pela oposição ao regime militar, ao modelo econômico, à violação aos direitos humanos e à censura. O *Coojornal*, jornal mensal da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, foi criado em 1975 e circulou por oito anos, sendo contemporâneo das lutas pela anistia e pela redemocratização. No mesmo ano de criação da cooperativa, 1974, surge o jornal *Risco*, comandado pelos irmãos

José Antonio Pinheiro Machado e Ivan Pinheiro Machado (STRELOW, 2005). Nesse contexto, também se inserem as revistas culturais com o signo da resistência.

Na segunda metade dos anos 1970, também emergiu um novo conjunto de movimentos sociais, contemporâneos à luta pela anistia: os "movimentos de minorias políticas". Os movimentos feminista, negro, ambientalista e por liberdade de opção sexual, entre outros, foram impulsionados pelo cenário internacional e marcados pela conjuntura brasileira. Rodeghero (2009) ainda pontua a agitação estudantil e o início da renovação sindical no campo e na cidade como expoentes importantes do final da década de 70. Este conjunto de mobilizações revela, para a autora, novas configurações da oposição à ditadura.

A abertura democrática na segunda metade da década de 70 permitiu, para Czajka (2010), que muitos intelectuais interpretassem e revisassem postulados políticos e ideológicos sustentados na década anterior. Com o fortalecimento de novos espaços políticos e o surgimento de novos agentes de transformação houve uma "leitura distanciada" e mais crítica do que as esquerdas viveram nos primeiros anos de ditadura. A estruturação das universidades como pólos de pesquisa e o fortalecimento do ambiente acadêmico propiciaram análises sobre a realidade brasileira, a política nacional e a cultura.

## As publicações culturais no contexto da ditadura militar

Ao falarmos de literatura e cultura no Brasil durante o período de ditadura militar, a palavra resistência emerge como uma das principais chaves explicativas (CAMARGO, 2010). O sentido da palavra "resistir" é potencializado, na medida em que não resistir acaba por significar aderir ao regime. Em meio a repressão do regime, remonta Czajka (2010), ocorreu uma intensificação cultural em todos os níveis, a formação de novos públicos consumidores de cultura e a criação de novos periódicos. Sobre o conteúdo dos periódicos, Camargo (2010) relembra características: "...metáforas bélicas que transformam editores em *partisans*, livrarias e revistas em trincheiras, ou poemas em armas, incorporando aos atos culturais *plus* de sentidos, imersão na historicidade e formas de validação".

Neste contexto, a chamada imprensa alternativa e as revistas de cultura que carregam essa abordagem passam a fazer parte de um processo de mudança. O marco inaugural desta resistência é o lançamento, em março de 1965, da *Revista Civilização Brasileira*, publicada pela editora Civilização Brasileira. Com sucesso desde o início, a tiragem de 10 mil exemplares da edição número 1 esgotou-se em 25 dias, a publicação

circulou até 1968, quando foi promulgado o Ato Institucional nº 5. Ao todo, foram 22 volumes.

Camargo (2010) afirma que o periodismo considerado de resistência surge, se fortalece, entra e declínio e desaparece no mesmo compasso de sua contra-face, a ditadura militar. Czajka (2010), em um estudo sobre a *Civilização Brasileira*, reforça que a construção da identidade editorial da publicação foi um processo gradual ligado, de forma íntima, às transformações sofridas pela sociedade brasileira desde o final dos anos 1950. Sobre as manifestações de resistência, ainda no início dos anos 1960, é preciso compreender que:

> ...a composição heterogênea das esquerdas e, conseqüentemente, dos "grupos" de intelectuais e artistas, favoreceu a formação complexa de núcleos de resistência cultural, que muitas vezes tinham visões distintas sobre a realidade nacional, mas que compartilhavam do mesmo espaço de discussão, contra o militarismo, a favor da liberdade e da cultura (CZAJKA, 2010, pg. 100).

Para Camargo (2010), a década de 1970 começa com a promulgação do AI-5, em 1968, e termina com a promulgação da anistia em 1979. Em 1978, por exemplo, a revista *Civilização* ressurge com o nome de *Encontros com a Civilização Brasileira*, já em uma fase de transição na história cultural brasileira. Nesse momento, também surgem outras publicações, conforme Camargo (2010): *Escrita*, *Escrita Ensaio*, *José*, *Almanaque*, *Inéditos*, *Código*, *PoesiaemG*, *Ficções*, *Através*, *Qorpo Estranho*, *Polímica*, *Oitenta*, *Bondinho*, *Malasarte*, *Ânima*, *Revista de Poesia e Crítica*, *Leia Livros*. A autora analisa da seguinte forma as publicações desse período:

> O rol aleatoriamente construído aponta para a diversidade de projetos e de realizações. Pluralidades. Heterogenias. Não é por acaso que na segunda metade da década de 70 se concentram seus lançamentos: marcam um período de transição na história cultural brasileira, em que coexistem um processo de "destape", ou de desrepressão, mais voltado ao passado, e outro de introdução de novas rotas de voo, mesmo que um tanto tortuosas ou com múltiplos rumos, seja no campo da política, seja no dos costumes, seja nos campos intelectual e literário (CAMARGO, 2010, pg. 26).

Mesmo tendo sido criada depois da anistia, nesse período de heteronegias, a *Revista Oitenta* carrega algumas semelhanças com a *Revista Civilização Brasileira*, marco entre as publicações. Ambas foram publicadas por editoras, foram editadas em formato de livro, o que concede um caráter de perenidade às publicações e facilita o arquivamento do material.

Essas peculiaridades estão relacionadas com o próprio conceito de revista. A definição não é direta e estanque, o que parece estar relacionado com a história desse

gênero de publicação. Tida como fragmentária e moderna, a revista tem suas origens confundidas com o lugar e as formas do literário na modernidade, ainda mais com a consolidação da crítica como uma forma de saber (CAMARGO, 2003). Parte de seu conceito etimológico prevê, portanto, o ato da re-vista, de examinar, de inspecionar mais detidamente, pressupondo o exercício da crítica e do ensaio. Derivado do jornal, o gênero revista determina um conjunto grande e diversificado de periódicos. Aliás, manusear periódicos distintos, conforme a autora, também não é determinante na identificação, uma vez que algumas publicações confundem-se com um jornal ou um livro. *Oitenta* e *Civilização Brasileira* são dois exemplos de periódicos que se confundem, quanto ao formato, com um livro.

**O surgimento da L&PM e de Oitenta no contexto editorial gaúcho**

A produção literária do Rio Grande do Sul, essecialmente urbana e também marcada por idas e vindas devido, entre outros fatores, à falta de escolarização, demonstra crescimento a partir de 1920 (ZILBERMAN, 1985). A Livraria do Globo, liderada na década de 20 por Mansueto Bernardi e na década de 30 por Erico Veríssimo, transforma-se em uma das maiores editoras brasileiras e é pioneira no estado. Em 1929, a editora lança a *Revista do Globo*, de circulação quinzenal, e que foi responsável por divulgar obras literárias e edições da Livraria do Globo. O sucesso da editora também se relaciona com o aproveitamento, nos seus quadros, de ficcionistas, poetas e críticos como Erico Verissimo, Mario Quintana, Dyonelio Machado e Cyro Martins. Fatores como as novas condições de vida da classe média, o crescente nível de escolarização e o crescimento das oportunidades de se editar originais literários também explicam o impulso cultural do período. Em 1945, a editora lança a revista literária *Província de São Pedro*, que circula até 1957, agregando o ensaio e o pensamento de intelectuais nacionais e regionais.

O progresso, no entanto, não foi contínuo e homogêneo. Na década de 1950 escritores criam círculos alternativos e financiam por conta própria a edição de seus textos. Cerca de dez anos depois, conforme narra Zilberman (1985), um grupo que reunia Josué Guimarães, Tânia Faillace, Moacyr Scliar, Carlos Stein, Ruy Carlos Ostermann e Sérgio Jockymann lança uma coletânea de contos chamada *Nove do Sul* (1962). Essa publicação inaugura formas de divulgação mais associadas ao jornalismo e permite a afirmação, nos anos 1970, desses autores com o público leitor.

Pelo menos outros dois fatores contribuem para esse processo de afirmação em relação ao público. Aparecem novas editoras interessadas no lançamento do escritor local, principalmente da nova geração, e instituições do Estado começam a estimular o contato do artista com o público, em uma aproximação entre cultura e educação, muitas vezes com estudantes de segundo grau (ZILBERMAN, 1985). A partir de medidas que unem propósitos comerciais e culturais, tem origem, em meados dos anos 1970, um novo surto literário no Rio Grande do Sul. Neste período, vale destacar a atuação de editoras como a Movimento do professor Carlos Jorge Appel, e a editora Mercado Aberto.

O Instituto Estadual do Livro, criado em janeiro de 1954, passa a ter uma política cultural definida apenas em 1972. De acordo com o resgate histórico apresentado no site[7] do IEL, sob a direção de Lígia Averbuck, na década de 70, o órgão começa a distribuir livros para delegacias de educação e bibliotecas escolares, além de promover cursos, painéis e seminários. A partir de 1972, o lançamento de novos escritores gaúchos, entre eles Caio Fernando Abreu, Luiz Antonio de Assis Brasil, Carlos Carvalho, Ivo Bender, Antonio Carlos Resende e Sérgio Capparelli, colaborou para que o instituto ganhasse destaque no cenário cultural brasileiro.

Em agosto de 1974, surge a L&PM Editores. Já o primeiro livro publicado, Rango, de Edgar Vasques, fez com que os editores fossem chamados pela Polícia Federal. Segundo o texto que narra a história da L&PM[8], foi preciso provar que Rango "era um livro e não uma revista". O episódio é lembrado hoje em textos institucionais publicados no site, como característico de um "veículo de resistência":

> Fomos salvos pelo prefácio do grande Erico Verissimo que abria assim: "Recomendo este livro com o maior entusiasmo". Os censores tiveram que acreditar que era livro mesmo. Rango foi um sucesso e abriu o caminho para que a L&PM Editores surgisse como um veículo da resistência democrática ao regime militar.

Um tempo depois, segundo o material[9], a L&PM passou a ter em seu catálogo nomes como: Millôr Fernandes, Josué Guimarães, Luis Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, Sérgio Capparelli e Sergio Faraco. Em novembro de 1979, logo depois da promulgação da anistia, é publicada a primeira edição da *Revista Oitenta*.

[7] Informação disponível em http://ielrs.blogspot.com.br/p/historia.html. Acesso em julho de 2013.

[8] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?page_id=196. Acesso em julho de 2013.

[9] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?page_id=196. Acesso em julho de 2013.

**A *Revista Oitenta*: descrição, temas, gêneros e autores**

De circulação nacional, *Oitenta* foi, segundo o editor Ivan Pinheiro Machado[10], inspirada na *Granta Mazagine* inglesa, com "cara de livro e edição de revista". O editor afirma também que "os ensaios, artigos, entrevistas, resenhas de livros, quadrinhos publicados na *Oitenta*, traziam a marca do novo, do revolucionário, do singular". Além de Ivan, editavam a publicação José Antonio Pinheiro Machado, Paulo de Almeida Lima, Eduardo Bueno, José Onofre e Jorge Polydoro. Ao todo, foram nove volumes publicados entre 1979 e 1984.

*Oitenta* surge, de acordo com o relato de Ivan Pinheiro Machado[11], com o objetivo de celebrar a nova década que se iniciava fundada na expectativa de questões centrais como democracia e liberdade. Desse desejo de mudança do cotidiano do país, também teria surgido o nome da publicação: *Oitenta*. José Antonio Pinheiro Machado, irmão de Ivan, vivia em Roma naquela época e teria sido o principal entusiasta do projeto denominado "revista-livro". O primeiro número, conforme o relato, teria sido estruturado a partir de uma troca de cartas entre os dois irmãos. A relevância da revista e dos autores publicados por ela é resumida da seguinte forma pelo editor:

> Pela revista Oitenta passaram todos os grandes intelectuais da época. Aquela que Millôr considerava sua melhor entrevista foi publicada na Oitenta. Fellini, Josué Guimarães, Woody Allen, Simenon e muitos outros falaram para ela. Umberto Eco pré-Nome da Rosa, estreou no Brasil, via Revista Oitenta.

Na primeira edição, com data de novembro/dezembro de 1979, são 288 páginas e vinte textos publicados. A partir do segundo volume, a revista marca a data de sua publicação de acordo com as estações do ano. O volume dois, portanto, data do verão de 1980. A marca das estações do ano, que demonstra a pretensão de ser quadrimestral, não se reflete, no entanto, no que foi publicado. São apenas nove volumes em um período de quase cinco anos. O ano de 1980 é o que teve mais revistas publicadas, três, seguido por 1982, com dois volumes. Nos demais (1979, 1981, 1983 e 1984), apenas uma edição de *Oitenta* foi publicada por ano.

Além da publicação esporádica, outro dado importante a ser levado em conta é a redução progressiva do número de páginas da revista. Com uma média de quase 300

[10] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?p=8218. Acesso em julho de 2013.

[11] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?p=8218. Acesso em julho de 2013.

páginas nas quatro primeiras edições, a publicação é reduzida para cerca de 200. Em nenhuma das nove edições, há editoriais ou textos de apresentação. Aos editores, restavam as chamadas de capa e as orelhas da revista para apresentar, em frases, os textos de cada edição. A exceção é o quarto volume, da primavera de 1980, que nas últimas dez páginas traz textos discorrendo sobre os três primeiros números da revista e indicando a possibilidade de adquiri-los.

Os 196 textos publicados por *Oitenta* em seus nove volumes foram o corpus desta pesquisa. Os temas abordados, os gêneros e os autores foram quantificados a partir da análise de conteúdo. Embora estejamos nos referindo a textos, em alguns casos, como será possível visualizar nos dados relativos aos gêneros publicados, não se trata de textos no formato tradicional, mas de histórias em quadrinhos.

**Os gêneros**

O ponto de partida dessa análise é a divisão dos 196 textos publicados em gênero. O objetivo é verificar que tipos de materiais eram publicados em *Oitenta*. A maior incidência é de ensaios e artigos, com 74 ocorrências. Em seguida, estão os contos (30), as entrevistas (27) e os poemas (13). As entrevistas podem ser consideradas uma marca importante da publicação, não apenas pelo grande número publicado. Foram entrevistados grandes nomes brasileiros e estrangeiros como Millôr Fernandes, Luis Fernando Veríssimo, Josué Guimarães, Woody Allen, Ferreira Gullar, Arthur Miller, Tomasi di Lampedusa, Tabajara Ruas e Umberto Eco. No material institucional sobre a revista publicado no site da L&PM[12], o editor Ivan Pinheiro Machado afirma que "aquela que Millôr considerava sua melhor entrevista foi publicada em *Oitenta*". No caso da ficção, uma característica importante é a publicação de originais e de contos ou de poemas que foram ou seriam publicados em livros da L&PM. No gráfico abaixo é possível conferir os gêneros publicados e a distribuição deles em *Oitenta*:

[12] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?p=8218. Acesso em julho de 2013.

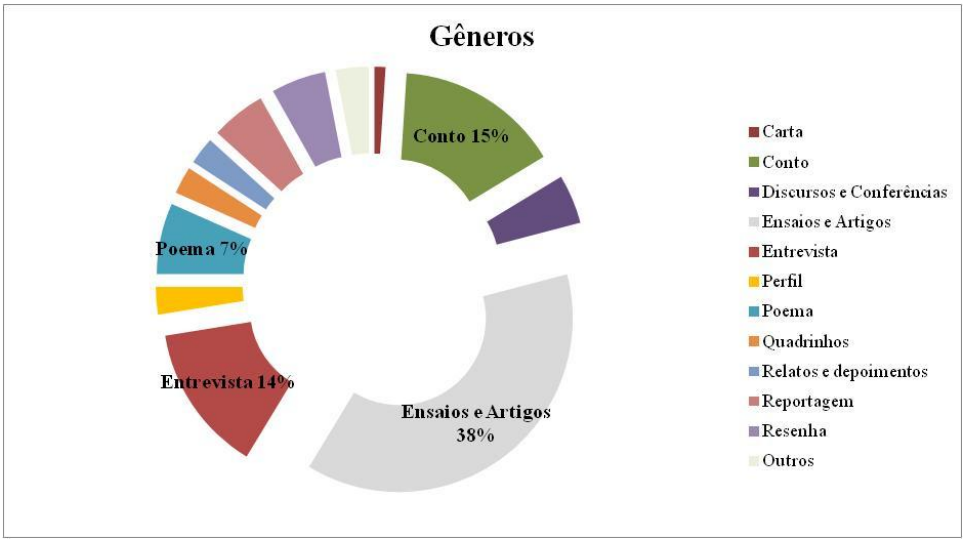


**Gráfico 1:** Gêneros mais frequentes nos 196 textos publicados por Oitenta em nove edições.

Mesmo não estando entre os gêneros com maior incidência, é preciso destacar a presença das categorias reportagens (10), discursos e conferências (9), quadrinhos (5), perfil (5) e relatos e depoimentos (5), que conferem diversidade à publicação tributária da fragmentação típica do formato revista. Como um caleidoscópio, a revista permite a montagem dos gêneros, sem maiores restrições. A ênfase em textos de caráter opinativo, como os ensaios e artigos, pode refletir, de alguma forma, a necessidade de crítica e reflexão sobre os mais diferentes temas, especialmente os políticos, depois de um período marcado pela censura. Ao mesmo tempo, a aposta nas entrevistas é também uma estratégia que aproxima o leitor da persona e do pensamento do intelecutal.

## Os temas

Para verificar as principais temáticas debatidas em *Oitenta* e, assim, buscar indícios do quanto a revista ressoava questões políticas e culturais do período, foi preciso estabelecer categorias temáticas. Para abarcar as diferentes abordagens da publicação, foram estabelecidas 31 categorias que se referem aos temas principais dos textos publicados. São elas: agricultura, antropologia, artes visuais, autobiografia, ciências sociais, cinema, comportamento, cultura, direito, direitos humanos, economia, economia política, educação, ficção, filosofia, fotografia, gastronomia, história, humor, imprensa, literatura, medicina, meio ambiente, música, política: política brasileira, política: política internacional, psicanálise, religião, saúde, teatro e urbanismo. É importante destacar que alguns textos foram classificados em mais de uma temática elencada na tentativa de se

aproximar, ao máximo, do perfil de cada colaboração. Dessa forma, as categorias apareceram 253 vezes em 196 textos.

O grande número de temas pode ser um indicativo da pluralidade de *Oitenta*. No entanto, ao analisarmos as ocorrências de cada tema, despontam os assuntos de maior evidência. Ficção, que compreende a publicação de contos, poemas e histórias em quadrinhos, aparece em primeiro lugar seguido por literatura, categoria de textos que se referem à produção literária, como resenhas de livros. A terceira maior incidência é de textos sobre política internacional e a quarta sobre história. O gráfico mostra a proporção de cada segmento temático encontrado:

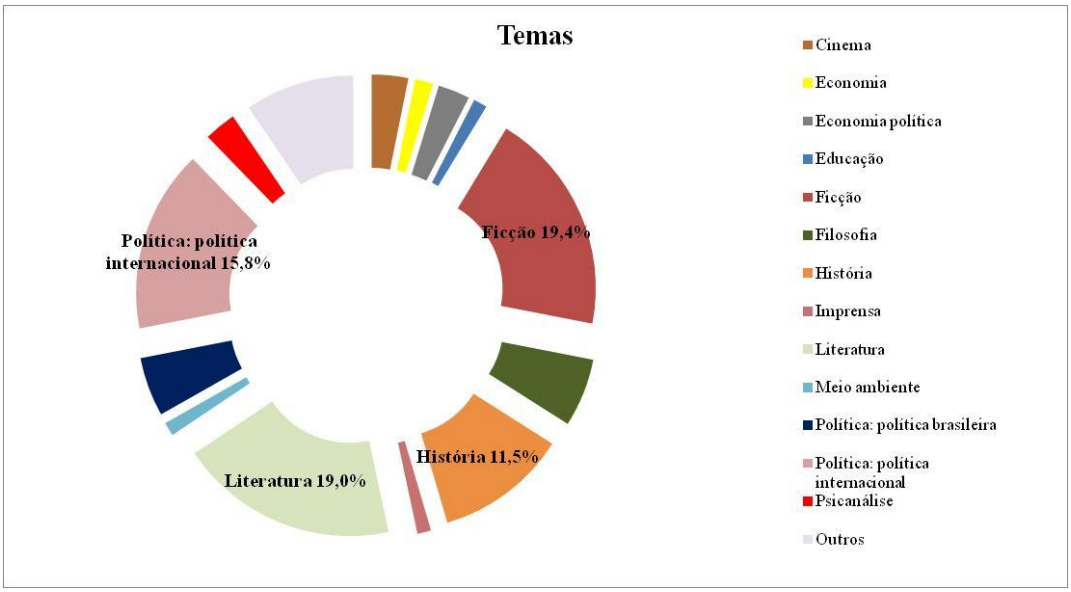


**Gráfico 2 –** Temas mais frequentes nos 196 textos publicados nas nove edições de Oitenta.

A presença forte de textos sobre política internacional (40), história (29), filosofia (15), política brasileira (13), e economia política (7), relembra as revistas de resistência da década de 60, onde esses temas também ganhavam destaque. Além disso, predominava em grande parte desses textos o viés da filosofia marxista, a reflexão sobre a luta de classes e a emergência do sindicalismo no Brasil.

## Os autores

Ao analisar o corpus deste artigo, composto por 196 textos, contabilizamos 160 nomes de autores. Isso não significa, obrigatoriamente, que cada autor foi responsável por um texto. Alguns são assinados por mais de um autor e, os assinados por "Equipe Oitenta", por exemplo, chegam a reunir seis autores. Há casos específicos, como os anais que fazem

parte da pesquisa histórica feita pelo Colóquio dos Juristas Árabes, publicados no número sete, cuja autoria não é dada a uma pessoa, mas ao próprio colóquio, que não foram considerados na conta que levantou 160 autores.

Nosso primeiro olhar sobre os autores que fizeram parte de *Oitenta* recai sobre os nomes que aparecem repetidas vezes nos volumes. Entre aqueles que escreveram para a revista, não há colunistas identificados pela publicação, mas a participação frequente de alguns é um dado relevante para essa análise. Vinte e um autores assinaram mais de um texto nos nove volumes analisados. José Antonio Pinheiro Machado, editor de Oitenta e, segundo Ivan, responsável pela idealização do projeto[13], é quem mais escreveu. Foram oito textos de diferentes gêneros. Em seguida, encontra-se o psicanalista e escritor Cyro Martins, com seis publicações. O escritor Luis Fernando Verissimo é o terceiro que mais teve textos publicados, cinco ao todo. Três autores estrangeiros tiveram publicados quatro textos cada no periódico. São eles: o colombiano Gabriel García Márquez, o português Eça de Queiroz e o cartunista argentino Fontanarrosa. Percebe-se, nestes indícios, que a atuação da L&PM, desde os primórdios, foi marcada pela preocupação em não se restringir somente ao nicho de autores locais, mas de aproximar-se do circuito nacional e internacional, garantindo interesse e amplitude de circulação para suas obras.

Também editor de *Oitenta*, José Onofre assina três textos e outros três são assinados, nem sempre com discriminação de nomes, por "Equipe Oitenta". Entre os autores que se repetiram na revista, há ainda quatorze que escreveram dois textos cada um: Anita Leocádia Prestes, Anthony Burgess, Flávio Loureiro Chaves, João Carlos Brum Torres, Leandro Konder, Marcos Rey, Moacyr Scliar, Roberto Bittencourt Martins, Roberto Gervaso, Sérgio Jockymann, Tabajara Ruas, Tania Franco Carvalhal, Tarso Fernando Genro e Vladimir Nabokov.

A assinatura dos textos publicados em *Oitenta* algumas vezes vem acompanhada de uma frase que explica quem é, o que faz, onde nasceu e vive o autor. Mas isso nem sempre ocorre. Alguns nomes não são identificados ou são gravados com abreviaturas. A falta de identificação fez com que buscássemos essas referências dos autores em bancos de dados. Porém, alguns não foram encontrados ou tiveram sua identificação dificultada pela presença de homônimos. Mesmo assim, um dado que surpreende ao analisar a lista de autores é o número alto de estrangeiros. Contabilizamos 74 autores oriundos de outros países.

[13] Informação disponível em http://www.lpm-blog.com.br/?p=8218. Acesso em julho de 2013.

De modo geral, destacam-se entre os estrangeiros nomes emblemáticos na literatura, na política, no cinema, pensadores, jornalistas e filósofos. Entre os próximos da literatura e do cinema, podemos destacar os seguintes: Carlos Fuentes, Charles Baudelaire, Charles Bukowski, Eça de Queiroz, Federico Fellini, Gabriel García Márquez, Henry Miller, Jack Kerouac, Jack London, Mario Vargas Llosa, Pablo Neruda, Orson Welles, Oscar Wilde, Truman Capote, Umberto Eco e Vladimir Nabokov. Já entre os pensadores, políticos e filósofos estão: Cornelius Castoriadis, Dominique Lecourt, Edward Hallett Carr, Fidel Castro, Georg Lukács, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, Karl Marx, Leon Trotski e Perry Anderson.

Entre os autores brasileiros também se destacam os ligados à produção literária, à política e os pensadores vinculados ou não com a academia. É interessante pensar que alguns nomes que participaram do surto literário da década de 1970 no Rio Grande do Sul, como Josué Guimarães, Lígia Averbuck, Moacyr Scliar e Sérgio Jockymann, também estão presentes em *Oitenta*.

**Considerações finais**

A L&PM e a revista *Oitenta* surgem em um período de transição, quando a abertura política começa a ser sistematizada no Brasil. Isso faz com que ambas carreguem características do período de repressão e, ao mesmo tempo, denotem a mudança que o país estava passando. Conforme Camargo (2010), trata-se de um período de heterogenias e de pluralidades em que convivem projetos de desrepressão, voltados ao passado, com novas rotas de voo.

A análise das temáticas, dos gêneros textuais e dos autores de *Oitenta* permite compreender uma parte dessas heterogenias. Ao mesmo tempo em que questões emergentes do período ganham destaque, como o sindicalismo, é possível encontrar mais de um texto discorrendo sobre a questão da tortura. No campo das artes, encontram-se novos autores de ficção e conhecidos críticos do regime militar. Esse caráter de transição da publicação, intimamente ligado com o momento histórico em que é produzida fica ainda mais claro na leitura dos ensaios e artigos, gênero com mais espaço em *Oitenta*. Pensadores de renome analisam a situação política de diversos países e, ao mesmo tempo, discutem temáticas de vanguarda como o aborto do ponto de vista da mulher.

Os dados obtidos e sistematizados neste artigo permitem apenas iniciar um percurso possível de compreensão sobre a *Oitenta*. Ainda há muitas questões em aberto. A escolha

dos colaboradores, o contato com autores estrangeiros, a dificuldade de manter os números quadrimensais e um provável caráter de divulgação das produções da L&PM são algumas delas. A segunda etapa deste estudo, que prevê entrevistas em profundidade, objetiva sanar algumas dessas questões e problematizar, ainda mais, o quanto Oitenta ressova questões políticas e culturais de sua época.

## Referências

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984).** 3ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. **Travessia (UFSC)**, Florianópolis, v.40, n.40, p. 21-36, 2003.

_____. Resistência e Crítica: Revistas Culturais brasileiras nos tempos da ditadura. **Boletim de Pesquisa Nelic**, v.10, n.15, 2012.2.

COLONETTI, Milton. **Livros do Mal:** um problema de história editorial. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

CZAJKA, Rodrigo. A Revista Civilização Brasileira: projeto editorial e resistência cultural (1965-1968). **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 35, p. 95-117, fev. 2010.

LEMOS, Greta. **Marcas de editoras porto-alegrenses e sua veiculação nos livros.** 2010. Monografia de conclusão de curso (Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda) Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil.** Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

RODEGHERO, Carla Simone. Para uma história da luta pela anistia: o caso do Rio Grande do Sul. **Tempo e Argumento**, v.1, n. 1, p.99-122, jan./jun 2009.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Jornalismo alternativo no Rio Grande do Sul. **Revista PJ:BR – Jornalismo Brasileiro.** USP: São Paulo.Ed. 5, 1º semestre de 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura Gaúcha**: Temas e Figuras da Ficção e da Poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.